

**Milena Maria de Freitas**

**HISTÓRIAS DE MULHERES NEGRAS ENCARCERADAS: PRECONCEITO  
RACIAL, VIOLÊNCIA E SUBJETIVIDADE**

**UBERLÂNDIA**

**2018**

**Milena Maria de Freitas**

**HISTÓRIAS DE MULHERES NEGRAS ENCARCERADAS: PRECONCEITO  
RACIAL, VIOLÊNCIA E SUBJETIVIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Lígia Ferreira Galvão

**UBERLÂNDIA**

**2018**

**Milena Maria de Freitas**

**Histórias de mulheres negras encarceradas: preconceito racial, violência e subjetividade**

**Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção de Título de Bacharel em Psicologia.**

**Orientadora: Profa. Dra. Lígia Ferreira Galvão**

**Banca examinadora**

**Uberlândia, 20 de agosto de 2018**

---

**Profa. Dra. Lígia Ferreira Galvão**

**Orientadora**

**Universidade Federal de Uberlândia - MG**

---

**Profa. Dra. Ana Paula de Ávila Gomide**

**Examinadora**

**Universidade Federal de Uberlândia - MG**

---

**Prof. Dr. Luiz Carlos Avelino da Silva**

**Examinador**

**Universidade Federal de Uberlândia - MG**

## AGRADECIMENTOS

À Banca Examinadora, por ter aceitado o desafio, pelos apontamentos cuidadosos e pelas valiosas contribuições.

À Profa. Dra. Lígia Ferreira Galvão, pela orientação.

Agradeço aos meus avós, Adão Martins e Jerônima Pereira, por todo o cuidado.

Compartilho essa trajetória com Anna Julia e Guilherme Meirelles. Teria sido difícil sem vocês.

Obrigada!

Muito obrigada a Camila Braga, Luiz Prado e Tainá Araújo, pelas trocas carinhosas que ampliaram minha visão de mundo.

Ao Arthur, Junior, Otavio, Heitor, Mirian, Sofia e Emy Amo vocês!

Toda a admiração e respeito pelas entrevistadas, mulheres negras que carregam a força e a esperança de viver em um mundo digno.

### **Resumo:**

Estuda o discurso de mulheres negras que já passaram por encarceramento e seus modos de dizer/perceber o preconceito e a discriminação racial. Baseia-se na abordagem teórico-conceitual da análise institucional de discurso, proposta por Guirado como uma metodologia de análise qualitativa em psicologia, cujos conceitos mínimos são os de sujeito, instituição, discurso e análise. Foram entrevistadas três participantes, de um total de cinco entrevistas previstas, dadas as circunstâncias peculiares para a efetivação do contato com elas. Gravadas, com autorização, e transcritas, as entrevistas foram analisadas primeiramente uma a uma e, em seguida, em conjunto, por meio do agrupamento de elementos recorrentes e do destaque de elementos que, ainda que singulares, exigiam um olhar analítico mais detido. A análise do discurso das participantes permitiu-nos identificar que suas experiências de abandono familiar, vivência de rua, envolvimento com o tráfico de drogas – como usuárias e/ou intermediárias – bem como a prostituição, incidiram fortemente sobre suas escolhas e se explicitam como forma, nem sempre bem-sucedida, de significar tais experiências. Ressalte-se que, a partir do recorte metodológico eleito, supõe-se que os discursos dos sujeitos sempre estarão inscritos na mesma ordem institucional que os constitui como sujeitos e, assim, integram parte relevante dos discursos em circulação, em um dado contexto, momento histórico e social. Os resultados obtidos indicam que a percepção das participantes quanto ao preconceito racial e o racismo que eventualmente sofrem/sofreram, não parece figurar como um fenômeno isolado e separável do impacto de outras vivências de preconceito, como o de classe e o de gênero.

**Palavras-chave:** mulheres negras; cárcere; preconceito racial

## **Abstract**

It studies the discourse of black women who have been through incarceration and their ways of saying/perceiving prejudice and racial discrimination. Based on the theoretical-conceptual approach of institutional analysis of discourse, as proposed by Guirado, a qualitative analysis method in psychology area that manages a minimum of concepts: subject, institution, discourse, and analysis. It interviewed three participants, out of a total of five expected interviews, given the peculiar circumstances for effective contact with them. Once recorded, with authorization, and transcribed, the interviews were primarily analyzed one by one, and later together, through the grouping of recurring elements and the highlighting of elements that, although still singular, demanded a closer analytical view. The analysis of the participant's discourse allowed us to find that their experiences with family abandonment, living in the streets, getting involved with drug dealing – as users, and/or intermediaries – as well as prostitution, had a strong hold in their choices and are explicit as a not always successful way of signifying those choices. It is highlighted that, based on the elected methodological approach, it supposes that the subject discourse will always be inserted in the same institutional order that constitutes them as subject and, that way, are a relevant part of the discourse in circulation in each context, social and historical moment. The obtained results show that the participants' feeling on racial prejudice and racism that they eventually suffer/suffered, does not seem to be an isolated phenomenon, separable from the impact of other experiences with prejudice, such as class and genre-based ones.

**Key-words:** black women, incarceration, prejudice

## Sumário

<b>1 Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>2 Método.....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 Procedimentos.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Fundamentação teórica do método escolhido.....</b>	<b>13</b>
<b>3 Análise.....</b>	<b>15</b>
<b>4 Discussão/ Conclusão.....</b>	<b>21</b>
<b>Referência.....</b>	<b>22</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>25</b>

## **1 Introdução – Preconceito(s)**

Este trabalho é uma produção vinculada ao Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica Voluntária - PIVIC “DO QUE ESTAMOS FALANDO? Preconceito Racial, Práticas Cotidianas, Subjetividade” e busca atender às exigências para a conclusão do meu curso de Psicologia, na Universidade Federal de Uberlândia.

O desejo inicial em trabalhar com o tema – mulheres negras e o cárcere – surgiu a partir de um trabalho anterior à iniciação científica, voltado ao estudo de questões de gênero e o cárcere, visto ser bem alto o percentual de mulheres presas que são, também, negras. A partir de uma análise da população carcerária, verificamos que certas características culturais e sociais presentes hoje são, em grande parte, o produto de uma longa acumulação histórica, mas que, em certos aspectos, também ecoa as mudanças recentes, ocorridas no final do último século.

Uma dessas mudanças se refere às formas como se tem lidado com o preconceito, de diversos matizes. Ao mesmo tempo em que se assiste a grandes avanços, no campo social, com maior representatividade dos inúmeros grupos sociais, também assistimos – talvez um tanto perplexos – a um retrocesso sem precedentes, quanto à diversidade das manifestações humanas. Machismos, fascismos, homofobia, feminicídio compõem, atualmente, os temas com os quais estamos todo o tempo em contato.

Com a questão étnico-racial não poderia ser diferente, vemos as discussões sobre preconceito racial e racismo tomarem muito mais espaços, também assistimos a um recrudescimento de práticas de intolerância racial-religiosa, atitudes discriminatórias, racistas e excludentes. Um elemento comum, em todas elas, e que não pode deixar de ser assinalado é seu caráter violento.

Marcus (2003), citando o trabalho de Allport (1954), define o preconceito étnico como uma antipatia baseada numa generalização falha e inflexível, dirigida a um grupo como um todo, ou a um indivíduo, pelo simples fato de se pertencer àquele grupo. Já o racismo configuraria uma atitude diferente, uma vez que remeteria a um processo de hierarquização, discriminação e exclusão de uma classe. Neste sentido, segundo os autores, o preconceito viria a reforçar a desigualdade e dar força a um sistema ideológico, na tentativa de extinguir valores pessoais e culturais de uma determinada parcela da população.

Nunes (2010), citando o trabalho de Perez e Dasi (1996), ressalta que podemos observar na sociedade atual a existência de um sentimento racista inconsciente, uma vez que grande parte da população não se vê como racista e condena moralmente manifestações de racismo, o que, mesmo se apresentando de forma sutil, revela um sentimento de omissão dessa população, branca, frente aos direitos negados de uma população preta, que sofreu e ainda sofre com o preconceito racial, que será muitas vezes exteriorizado como suspeita, desconfiança, intolerância, medo, aversão, às vezes ódio a pessoas ou coletivos, valendo-se do aspecto ou das marcas físicas (fenotípicas) e/ou culturais, que identificam uma raça ou etnia. Bento (2012).

Não temos dúvida, até aqui, que a existência desse ódio camuflado é real e gera efeitos sociais irreversíveis ao sujeito, diminuindo suas qualidades, extinguindo seus valores e deixando marcas que podem se perpetuar. Para Bourdieu (1995), este sentimento agressivo se reflete como uma forma de “violência simbólica”, entendida não como efeito direto da dominação, mas como o reflexo de ações disparadas por vários fatores, envolvendo dominados e dominantes, fazendo que, por diversas vezes, a parte que sofre não perceba imediatamente quando é atingida.

Outro fato que chama a atenção se deve à prisão, em si, ser um ambiente masculino e masculinizante, em grande parte de suas práticas, o que torna as mulheres presas ainda mais

invisíveis. Isto nos lembra do improviso institucional que cerca a mulher nos presídios brasileiros e suas diversas tentativas de ajustamentos de um sistema já existente, refletindo as características antifeministas do sistema prisional. No entanto, a afirmação de que a prisão se constitui em um espaço prioritariamente masculino deve ser compreendida para além dos dados que demonstram que o número de mulheres presas é muito semelhante, quando comparado aos homens. Ela mostra o poder da dominação masculina, no qual o encarcerado homem, mesmo em condições de confinamento, possui maior capacidade de se deslocar, de circular no ambiente prisional, de interagir e, assim, de sentir-se menos aprisionado. (Colares & Chies, 2010)

De acordo com a Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984, “Ao condenado e ao internado serão assegurados, sem discriminação de sexo, todos os direitos não atingidos pela sentença ou pela lei. Não haverá qualquer distinção de natureza racial, social, religiosa ou política” (BRASIL, 1986, Lei 7210/84, art. 3º). O direito à ressocialização, readaptação, reeducação social e à reabilitação de modo geral é garantido ao apenado, mas o que vemos é um espaço que fortalece diversas formas de segregação, o que pode ter relação com o alto índice de reincidência no mundo do crime.

Tomemos, aqui, os dados do mais recente levantamento do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) de 2014, que diz que o Brasil conta com uma população de 579.7811 pessoas custodiadas no Sistema Penitenciário, sendo, destes cidadãos, 37.380 mulheres e 542.401 homens. O mesmo documento informa ter havido um aumento de mais de 500% da população carcerária feminina entre os anos de 2000 a 2014. Além do imenso crescimento do número de prisões, outro dado que chama a atenção nesse mesmo levantamento é o perfil relativo à etnia, raça ou cor, sendo que 67% dessas mulheres são negras, jovens e com pouca escolarização, o que daria a elas uma menor possibilidade de se reconhecerem como vítimas de um ciclo punitivo, já que, ao serem presas, se tornam impedidas de ter um convívio familiar e educacional. Podemos afirmar que vivemos uma lógica de punição racista, a mesma que

justificou por muitos anos a exploração de um povo e enriqueceu outros, e que hoje faz, diante dos nossos olhos, de forma explícita e regulamentada em lei, o mesmo que fazia no período da escravatura<sup>1</sup>.

Se a situação da mulher dentro do sistema prisional é marcada por discriminação, opressão e descaso, quando o assunto é a sua liberdade, os problemas não parecem ser menos graves, nem ser de outra ordem. De acordo com o Dossiê Mulher (2015), as mulheres negras figuram como a maioria das vítimas que sofrem algum tipo de violência registrada no país. Esse mesmo dossiê aponta que 56,8% das vítimas dos estupros registrados no Estado do Rio de Janeiro em 2014 eram negras, sendo também a maioria das vítimas de homicídios, morte materna ou algum tipo de violência obstétrica, e tendo, em média, duas vezes mais chance de serem assassinadas, se comparadas com o mesmo perfil de mulheres brancas. Tome-se como exemplo os dados relativos aos anos de 2003 a 2013, período em que se registrou uma queda de 9,8% no total de homicídios de mulheres brancas, enquanto os homicídios de negras aumentaram em 54,2%.

A situação de desvantagem evidenciada nas estatísticas revela não só a desigualdade racial, mas também a de gênero existente no país e coloca como questão central o lugar que os negros, particularmente a mulher negra, ocupa em nossa sociedade. Segundo Grossi e Aginsky (2001) a violência contra as mulheres, mesmo estando presente em todas as classes sociais, ocorre de maneira diferenciada entre os segmentos mais vulneráveis da população, nos quais abrangem as mulheres negras

De maneira geral, a mulher negra vem sofrendo com questões históricas sobre seu envolvimento no mundo do crime, o que compromete sua dignidade, afeta sua saúde física e psicossocial.

---

<sup>1</sup> Período definido como o sistema de trabalho no qual o indivíduo (o escravo) é propriedade de outro, podendo ser vendido, doado, emprestado, alugado, hipotecado, confiscado. Legalmente, o escravo não tem direitos: não pode possuir ou doar bens e nem iniciar processos judiciais, mas pode ser castigado e punido. Geledes (2012).

Assim, nosso objetivo, nesse estudo, foi o de investigar, por meio da análise do discurso de mulheres negras que passaram pelo cárcere, como veem a si e à sua condição e que eventuais associações fazem com o preconceito e a discriminação racial - seja intra ou extramuros, antes ou durante o encarceramento.

## 2 Método

### 2.1 Fundamentação teórica do método escolhido

O método adotado, a análise institucional de discurso, formulado e proposto por Guirado (2010), desde a década de 1990, tem sido utilizado por diversos autores, no campo da psicologia e na investigação de temas bastante diversos. Vale-se de um referencial teórico apoiado na psicanálise freudiana, em diálogo com o pensamento de Michel Foucault (1926-1984) e integra conceitos advindos tanto da sociologia, por meio de J-G Guilhon de Albuquerque e sua análise das instituições concretas, como da análise do discurso francesa e da pragmática, na forma como trabalhada por Dominique Maingueneau. Seus principais operadores conceituais são compostos pelas noções de sujeito, instituição, análise e discurso, a partir de concepções bem específicas. Assim, à noção de sujeito, some-se a sua condição de sujeito como entendido por certas perspectivas psicológicas e pela psicanálise: um sujeito psíquico, do inconsciente, que se relaciona consigo e com a alteridade por meio de complexas elaborações, muito mais próprias do campo imaginário, em contraposição a uma suposta “realidade”. No que se refere à noção de instituição, essa se funda, segundo Guirado, nos trabalhos de Albuquerque, que a define como um "conjunto de relações sociais que se repetem e, nessa repetição, legitimam-se" (Albuquerque, apud citado por Guirado, 2010, p.45). Quanto ao discurso, entendemos que não se trata apenas de uma construção individual do sujeito, mas, sim, está diretamente ligado à sua condição social dentro de um contexto histórico social.

Dessa maneira, arriscamos afirmar que o modo de trabalhar, a partir da análise institucional do discurso, permite a desconstrução e a reconstrução das entrevistas, de tal maneira que os enunciados, em sua dimensão explícita (o que é dito) e em sua dimensão implícita (o que é mostrado, por meio do que se diz) dizem, ao mesmo tempo, do sujeito e das relações sociais (instituições) que este faz e nas quais ele também se modifica.

## 2.2 Procedimentos

A forma de seleção das participantes da pesquisa incluía o fato de elas deverem ser negras e/ou se reconhecerem como tal, terem sido encarceradas por qualquer período ou motivo, sem especificação de faixa etária, a não ser o fato, óbvio, de serem maiores de 18 anos. A pretensão inicial era a de entrevistar ao menos cinco participantes, mas tivemos algumas dificuldades para fazer contato com as mulheres, devido à condição em que elas se encontravam – em situação de rua e sob uso de drogas – o que resultou na realização com apenas três participantes que atendiam aos requisitos acima e estavam em condições possíveis de conceder as entrevistas. Estas se encontravam, à época, na faixa etária de 20 a 40 anos. Todas haviam permanecido presas por um período mínimo de seis meses e máximo de dois anos. A cada uma das entrevistadas foi atribuído um pseudônimo.<sup>2</sup>

As entrevistas eram do tipo abertas, semidirigidas, com um roteiro mínimo, pensado para garantir a abordagem do tema em estudo, mas que focalizasse, primordialmente, as vivências das participantes e seu entendimento quanto à sua condição e à relação que porventura faziam/fazem com a incidência do preconceito e da discriminação racial em suas vidas.

Todas as entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (modelo anexo), no qual constaram os objetivos e os esclarecimentos acerca da pesquisa, enfatizando-se a liberdade de desistir ou não participar da mesma e a garantia de anonimato. O TCLE foi assinado em duas vias; uma delas para a participante, outra para a investigadora. Destaque-se, entretanto, que duas das entrevistadas inutilizaram a sua via, diante da entrevistadora, alegando receio de serem questionadas por outrem sobre o teor do documento.

---

<sup>2</sup> Esmeralda, Jade e Safira. A escolha desses pseudônimos deveu-se ao fato de remeterem à força e resistência, característica das pedras preciosas, que essas mulheres, mesmo diante de tanta adversidade, carregam dentro de si.

Mesmo tranquilizadas quanto a isso e tendo recebido sua via, preferiram inutilizá-la. Houve, também, questionamento por parte de uma das entrevistadas, se sua entrevista iria “passar na TV”, ao que se esclareceu que o anonimato configurava um dos compromissos dos pesquisadores. Esses dados serão retomados, adiante, na seção dedicada à discussão dos resultados.

Todas as entrevistas foram realizadas na residência de uma pessoa não participante, que foi o ponto de contato para as três entrevistadas. Após transcrita, na íntegra, cada entrevista foi analisada individualmente e, posteriormente, analisada em conjunto com as outras, na busca de elementos recorrentes e particularidades que se destacassem. O entrecruzamento assim produzido permitiu a identificação de categorias temáticas surgidas do próprio material e da regularidade com que figuraram no discurso das entrevistadas, tanto internamente quanto na confrontação com as demais entrevistas.

### 3 Análise

Quanto às análises, nós as dividimos em tópicos que consideramos marcas de passagem na vida das mulheres entrevistadas, sendo eles: infância, drogas, independência financeira, cárcere e preconceito racial. Começamos, então, com um tópico em que logo se evidencia uma recorrência, como veremos, quanto ao fato de não existir a figura de um cuidador permanente na vida dessas mulheres, configurando um aspecto que poderíamos considerar desencadeador dos demais acontecimentos.

*Então... Desde quando eu era pequena, com nove meses minha mãe me entregou para meu pai, fui criada com minha avó, Quando eu tinha nove anos minha avó morreu, aí eu fiquei solta, fiquei solta no mundo, meu pai morava em outro bairro, minha tia também, a filha da minha avó. Andava para lá e pra cá, fazia o que eu queria meu pai não estava preocupado com nada, até que eu conheci o mundo das drogas [Jade]*

A palavra “entregar”, usada por Jade, marca esta passagem na vida das entrevistadas, onde fazemos a alusão de que só entregamos, passamos para a frente, aquilo que não queremos, que não nos pertence ou que não temos condições de ter a nosso cuidado. O fato de ela “*andar para lá e pra cá*” é apontado por Jade como um indicativo de que o pai não dava a atenção que precisava, o que pode ter influenciado a sua aproximação com as drogas. Percebemos esta marca também presente na vida de Esmeralda, para a qual o fato de sair de casa muito cedo parece ter desencadeado um percurso muito parecido com o narrado por Jade:

*Então tá... Eu saí de casa com 13 anos de idade, fui morar na rua, passei fome e com 15 anos conheci a prostituição e o crack... Tudo ao mesmo tempo. [Esmeralda]*

*Minha mãe que me criou, morei com a minha mãe, aí até os meus quatro anos e depois eu fui morar com a minha vó, morei com a minha avó até os meus quinze anos [breve pausa], aí eu voltei morar com a minha mãe. Meu pai e minha mãe eram separado. [Safira]*

### Uso de drogas:

As drogas aparecem como uma saída frente ao desamparo econômico e familiar vivido por estas mulheres resultante da condição de ficar solta no mundo, morar na rua, passar fome e tantas outras situações conflitantes que elas relatam.

*Até então meu pai pensava: “Não minha filha nunca vai mexer com isso”, porque eu estudei sobre isso, eu sabia o que era... [pausa] Mas eu não sabia as consequências, e isso com 12, 14 anos, foi minha adolescência inteirinha! [Jade]*

Jade nos conta que o fato de estudar sobre drogas não a impediu de se aproximar, o que poderia ter relação com a idade em que foi exposta à droga, 12, 14 anos. O que, segundo Esmeralda, se dá pelo “estigma” em fumar.

*Eu aprendi na raça, vou fazer 40 anos e tô há 23 fumando crack, não tenho orgulho disso, mas tem gente que fumou um ano e morreu matado, porque o vício, a estigma de fumar foi mais forte do que ver as consequências, não pode pensar só no momento. [Esmeralda]*

### “Um vapor”

Como consequência, elas veem no tráfico de drogas uma forma de sustento do próprio vício ou tendo uma relação afetiva com alguém do tráfico, o que mais tarde se torna em uma experiência dentro do cárcere. Este é o caso de Jade, que, ao se encontrar em situação de rua, sem dinheiro e dependente de drogas, viu no tráfico de drogas uma possibilidade de sustento do vício.

*Mas aí um namoradinho meu saiu da cadeia, só que ele rouba demais, daí eu fugi com meu filho para rua, meu filho estava gordinho, bonitinho, quando vi já perdeu peso! Depois de quase um ano, que eu fui presa! Lá na praça do centro vendendo droga, fumando e tudo... [Jade]*

*Me colocaram como traficante, só que eu não era né? Eu era um vapor<sup>3</sup>. Vendia para sustentar meu vício. [Jade]*

*Também recorrente na fala de Safira, que diz:*

*Depois que meu marido foi preso eu continuei, já sabia como fazia tudo, já tinha os esquemas né? Daí... Um amigo do meu marido deixava a droga lá em casa e eu embalava e vendia” [...] [Safira]*

Nessa categoria identificamos que Safira relaciona a detenção do parceiro com o fato de ela ter continuado no tráfico. Diferente das outras entrevistadas, ela ocupa um outro lugar no mundo, não de usuária e moradora de rua, mas sim de quem fornece a droga.

### **Cárcere**

Quando questionadas sobre sua vivência no cárcere, todas as entrevistadas a descrevem como sendo um momento de injustiça e medo. Jade explica que o fato de ser usuária não impediu que ela fosse presa por tráfico, colocaram que ela era sem ser, fato que não é regra para todos, pois de acordo com ela há prisões em que de fato a pessoa é traficante e por algum motivo não permanece presa por muito tempo.

*Nossa... foi muito ruim, eu vi pessoas sendo presa com 500/600 dolinha de crack e sair em menos de 1 mês. Eu fui presa injustamente, eles jogaram em mim para aproveitar que eu usava! [Jade]*

*Quando eu entrei já fiquei com medo! Porque o trem lá não é muito bom não, fiquei com medo! Com muito medo... Daí fiquei 6 meses, mas foi tranquilo, sabe? Ninguém bateu em ninguém, mas vi muita gente apanhar... [Jade]*

*As agentes te oprimem a alimentação é horrível, horrível ..., Mas, assim... ali só entra arroz Vasconcelos, Friboi a carne, só coisa de primeira [...] e tudo de primeira, mas as pessoas que cozinham pensam que estão cozinhando para um porco, talvez, entendeu? Para um animal... [Esmeralda]*

---

<sup>3</sup> Vapor: Indivíduo, geralmente menor de idade, contratado pelo tráfico de drogas para vigiar a entrada da "boca". É chamado de vapor pois, ao primeiro sinal de polícia, ele "evapora", some. Anon,(2018)

Esta condição passiva permanece na fala das outras entrevistadas ao relatar tanto o tratamento que receberam dentro da prisão (“*As agentes te oprimem a alimentação é horrível, horrível*”) como também a fatores que expressam sua condição fora da prisão, onde não ter condição financeiras para pagar um advogado é garantia de que a presa passará por maiores dificuldades:

*Se você não tiver um advogado, para talvez diminuir seu castigo ou alguma coisa assim, você se fode ali... então melhor evitar bater de frente. Só sei que eu quero evitar de toda forma voltar para aquele lugar... [Safira]*

*Quando eu fui presa eu estava grávida, do meu segundo filho, eu estava de dois meses e pouquinho. Depois de uns 10 dias eu perdi meu bebê, senti uma dor na barriga, de repente ele desceu. Fiquei muito triste porque era minha companhia lá dentro, mas depois até achei melhor! Porque pensa... quem ia cuidar dele? De certo ia para rua porque lá não dá cuidar não; Era muito ruim, muito frio. [Safira]*

*Lá tem os médicos, eles falam que tem né, mas é muito difícil o atendimento. Fora o tratamento que você tem lá... e horrível. Péssimo, eu acho que desumano. [Safira]*

*Te tratam como se você fosse lixo, com desdém. Se quiser reclamar você tem que chamar a carcereira mas ela nunca te ouve daí para não ficar com muita conversa só que eu nunca falava nada, só queria sair dali não queria rolo. [Safira]*

### **Preconceito racial:**

A questão racial não é vista por elas como um fator que dificulte sua vida, o que entendemos que possa ter relação com o ambiente de circulação dessas mulheres, por ser predominantemente negro, mas nem por isso podemos afirmar que se trata de um campo livre de preconceitos, pois para elas a tonalidade da pele (mais clara ou mais escura) é um fator agravante. Ao serem questionadas sobre ter sofrido preconceito dentro da prisão, as entrevistadas demonstraram entender como racismo o ato de xingamentos e desqualificação física sobre sua cor de pele, situação que elas relatam nunca ter vivenciado.

*Não... assim foi a primeira vez que eu fui, né? Eu não senti preconceito lá dentro não, até porque tinha pessoas mais escura que eu tinha uma que estava na cela do lado que era o seguro! Ela sim tinha muito preconceito, povo colocavam apelido nela, porque ela era gorda pequenininha e pretinha..., mas lá tinha uma, esqueci o nome dela, eu acho que ela era tratada melhor que a gente. [Jade]*

*Dentro...? Lá dentro não. Pelas presas nunca, eu lá dentro, pelas presas eu era tipo uma, meio que psicóloga para elas, assim, sabe, assim... se cai uma com 10 quilos e outra com 5 reais de maconha é tudo a mesma coisa, tipo talvez essa dos 10 quilos tinha uma vida pomposa na rua, mas dentro o tratamento é o mesmo, talvez a única diferença é que você tem uma visita que tem um caseiro mais gostoso ou uma sacolinha que vem umas bolacha mais cara, um cigarro, mais caro, a única diferente, o restante é tudo igual, não tem diferença. Aquilo ali é tudo igual... [Esmeralda]*

*Assim.... Tipo preconceito de cor? Acho que não, nos lá estamos tudo no mesmo problema, agora se você não tiver advogado, daí eu acho que ficava pior, porque quem ia te defender? [Safira]*

Ao ser questionada se teria algo a dizer que não tinha sido perguntado, Jade nos revela que acredita que o fato de ela estar viva se deve a uma força superior, “Deus”, e se mostra orgulhosa em ter sobrevivido. O mesmo vimos na fala de Safira, que mostra preocupação com o ambiente carcerário e o serviço que é oferecido a detentas. Para ela, ser presa é sinônimo de pagar uma dívida, mas não justifica a forma como se é tratado dentro do presídio.

*Não, mas sabe eu não julgo eu ter ido presa, para mim hoje foi eu vejo que foi uma solução que Deus achou e me colocou naquele lugar para eu sair da vida que tinha. Sai dessa para eu não morrer, vi muita gente que na hora dessas tá embaixo da terra, eu tô aqui. Só isso mesmo. [Jade]*

*Não, não só... que eu achava que o presídio tinha que melhorar o atendimento deles, aquilo ali não ajuda ninguém que está com vida perdida não, porque igual a respeito da comida é muito ruim, as vezes não tem jeito nem comer, tem muito desperdício de comida, eu acho! Sabe? E o atendimento deles com o preso ou cá presa devia ser melhor, tem pressa que fica doente e eles não dão nem atenção, eu acho que eles deviam melhorar isso um pouco, independentemente de ter advogado ou não a gente e ser humano, apesar de você tá errado, cê já tá ali pagando por um erro seu, então pelo menos cê devia ser tratado como ser humano de verdade, eu penso né? [Safira]*

#### **4 Discussão/ Conclusão**

Entendemos que a análise feita até aqui já compõe grande parte dos elementos pertencentes à discussão, ressaltamos que o encarceramento e sistema prisional são, sem dúvida, uma parte preocupante do problema que enfrentamos quando buscamos debater direitos humanos e desigualdades sociais tão presentes na vida população negra; um grande desafio para a psicologia, que tem como missão formar profissionais que se posicionem e lutem contra qualquer prática racista e discriminatória. Retomando o início desse trabalho, percebemos que o fato de a maioria da população carcerária ser negra e o que foi analisado nas entrevistas confirma um perfil já levantado anteriormente em outras pesquisas: encontramos mulheres solteiras, jovens, pobres e que, de alguma forma, estão ligadas ao tráfico de drogas, Segundo Freud (1930), o recurso às drogas é entendido como uma resposta possível do sujeito ao mal-estar que é inerente tanto ao processo de formação das sociedades e culturas como também à própria constituição psíquica do ser humano. Mal-estar este que começa a se expressar muito cedo e se estende por toda vida, assim como visto na fala de Jade e Esmeralda. Os resultados nos indicam a urgência em criação e implementação de políticas públicas específicas para este público, bem como oportunizar, a estas mulheres que já estão nas prisões, alternativas de geração de renda e acesso à educação, visto que Esta pesquisa não termina com o relato das entrevistadas, muito pelo contrário, ela abre a possibilidade de repensarmos estas questões que envolvem a forma violenta com que o racismo se manifesta.

## 5 Referências.

- Anon, (2018). Dicionário online, retirado de <https://dicionariodoaurelio.com/vapor> acesso em 14 Agosto. 2018.
- Bento, M. A. D. S. (2012). Branqueamento e branquitude no Brasil. Retirado de <http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-06.pdf> , consultado em 05 de junho de 2018.
- Bourdieu, P. A (1995) dominação masculina. Rio de Janeiro. Bertrand, Brasil, Retirado de [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/762315/mod\\_folder/content/0/BOURDIEU\\_A%20domina%C3%A7%C3%A3o%20masculina.pdf?forcedownload=1](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/762315/mod_folder/content/0/BOURDIEU_A%20domina%C3%A7%C3%A3o%20masculina.pdf?forcedownload=1) acesso em 07 de maio de 2018.
- Brasil. Ministério da Justiça. (2014) Relatório sobre mulheres encarceradas no Brasil – consolidação dos dados fornecidos pelas unidades da federação.
- Depen, Retirado de <http://www.justica.gov.br/noticias/estudo-tracaperfil-dapopulacao-penitenciaria-feminina-no-brasil/relatorio-infopen-mulheres.pdf>> Acesso em 18 de Abril de 2017.
- Colares, L. B. C., & Chies, L. A. B. (2010). Mulheres nas so (m) bras: invisibilidade, reciclagem e dominação viril em presídios masculinamente mistos. Estudos Feministas, p. 408.
- LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo.
- Freud, S. (1930). O mal-Estar na civilização, retirado de [https://cei1011.files.wordpress.com/2010/04/freud\\_o\\_mal\\_estar\\_na\\_civilizacao.pdf](https://cei1011.files.wordpress.com/2010/04/freud_o_mal_estar_na_civilizacao.pdf), consultado em 20 de maio de 2018.
- Geledés. (2012). A História da Escravidão Negra no Brasil, retirando de <https://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/> consultado em 03 de junho de 2018.
- Guirado, M. (2009). A análise institucional do discurso como analítica da subjetividade. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Grossi, P. & Aguiniski, B. (2001). Por uma nova ótica e uma nova ética na abordagem da violência contra mulheres nas relações conjugais. In P. Grossi & G. Verba (Org.), Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de esquecer (pp. 9-45). Porto Alegre: EDIPUCRS. Retirado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000125&pid=S0102-71822009000200014017&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000125&pid=S0102-71822009000200014017&lng=en), consultado em 10 de julho de 2018.
- Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. Portal da Legislação, Brasília, jul. 1984. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/17210.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17210.htm) . Acesso em 10 de abril de 2018.
- Mulher, D. (2015). Instituto de Segurança Pública. Organizadores: Governo do Rio, Secretaria de Segurança, Instituto de Segurança Pública. Disponível em: <http://www.oabpr.org.br/downloads/dossiecompleto.pdf> Acesso em 18 de abril de 2018

## ANEXO A

## Transcrição de uma entrevista e sua análise individual

## JADE

*E: Jade, você pode me contar sua trajetória de vida?*

*J: Então... Desde quando eu era pequena, com nove meses, minha mãe me entregou para meu pai, fui criada com minha avó, Quando eu tinha nove anos minha avó morreu, aí eu fiquei solta, fiquei solta no mundo, meu pai morava em outro bairro, minha tia em outro, a filha da minha avó. Andava para lá e pra cá, fazia o que eu queria meu pai não estava preocupado com nada, até que eu conheci o mundo das drogas. Até então meu pai pensava: “Não minha filha nunca vai mexer com isso”, porque eu estudei sobre isso, eu sabia o que era... [pausa] Mas eu não sabia as consequências.... Que foi... Eu ir presa, levar tiro, facada. [Silêncio] [JAD01]*

*E: Qual era sua idade nessa época Jade?*

*J: 12, 14 anos, foi minha adolescência inteirinha! Aí... com 16 anos eu levei o tiro, aí com 15 anos eu tive meu primeiro filho, dei começo de eclampsia, daí eu nem sabia de nada, porque eu não ficava com minha mãe, né? [JAD02]*

*E: Sim.*

*J: Ele nasceu e depois de 10 dias (pausa) ... com 10 dias, daí eu peguei ele e deixei ele lá na minha ex cunhada para ir atrás do pai dele, que o pai dele também mexia com droga. Então minha ex cunhada falou assim... ah pode deixar ele aqui que nos olha ele para você! Daí eu falei, então tá bom, melhor do que ficar na rua sofrendo né? Tomando chuva? Nessa época eu morava na rua já. Aí deixei meu menino lá e fui com pai dele de novo. Com 16 anos eu engravidei de novo. O primeiro chama Denis o segundo Celso, meu outro menino, mas esse eu ganhei em outro hospital, onde eu ganhei o primeiro eles não me explicaram que a criança tem que nascer com dois quilos para poder ir embora direitinho né? Ele nasceu com 1 quilo e 800 e pouquinho quase dois... aí eu ganhei alta com 3 dias ... ele ficou na UTI, para ganhar o peso, para depois poder ir embora, da eu sai e fui fumar droga. Ele ganhou alta no dia que eu estava fumando droga, ninguém tinha o número meu, nem da minha residência, nem nada, só o número da minha mãe.*

*Minha mãe, - como eu e ela não dá certo, né ela chegou até eles, falou assim, chegou na família do pai dele e falou assim: “Se vocês não pegar essa criança eu vou doar ele para adoção, porque eu não tenho condição de criar”. Na época eu estava com o pai do primeiro, mas ele tinha ido preso aí eu sumi no mundo né? Nem dei atenção. Daí eles entregaram para minha ex-sogra, com 16 anos, 17 anos eu levei um tiro numa praça, vendendo droga, pintando e bordando... isso foi no Carnaval. Aí entrou aqui olha, bem aqui, bem perto do coração. [JAD03]*

***E: Nossa, Jade!***

*J: Entrou aqui e saiu aqui, olha! (Pausa) daí eu paralisei as mãos, não mexia elas para nada mais... Nesse tempo fui para uma clínica de recuperação, minha mãe me ajudou na época, eu fiquei 1 ano na clínica, 1 ano e meio... Quando eu saí, desandei de novo e aí conheci um cara e tive meu menino de 4 anos, que é o Eduardo. Esse, meu pai que cuida; nós estava super bem, ele tinha 10 meses, mas aí um namoradinho meu saiu da cadeia, só que ele rouba demais, daí eu fugi com meu filho para rua, meu filho estava gordinho, bonitinho, quando vi já perdeu peso! Eu cuidei dele até os nove meses, mas como eu estava lá no meu pai eu pensei... ah vou levar meu filho comigo! Não tinha juízo, não tinha nada! Levei .... Aí morou na rua comigo, até que um dia nós brigamos e eu deixei o carrinho e a bolsa dele na porta de uma bicicletaria, daí como o Conselho Tutelar é ali perto. Eles levaram lá para o conselho tutelar, na cadernetinha dele tinha o número do meu pai, foi que meu pai ficou sabendo que eu estava na rua... com ele. Daí de repente meu pai chegou lá batendo na casa que eu estava, me caçando... aí ele pegou meu filho de volta, aí eu deixei ele ir... não tive coragem de ir, de tanto de eu estava louca de crack, ele pegou e levou, e eu peguei e fiquei na rua até de noite, depois eu fui embora, só que mesmo assim não deu certo! Eu fui, meu pai arrumou escola para ele, o meu pai disse que o conselho tutelar não deixa eu pegar ele de volta. Depois de quase um ano, que eu fui presa! lá praça do centro vendendo droga, fumando e tudo... Fiquei seis meses lá, e nesses seis meses eu falei que não ia mexer! Não ia, não ia .... Ai mudar minha vida completamente, só que eu não sabia que ia ser desse jeito... (sorri) [JAD04]*

***E: Tem quanto tempo, mais ou menos? Da praça para agora?***

**J:** Fez dois anos, da praça para agora! Fez dois anos dia 02 de dezembro, ainda comentei com meu marido... aí eu sai né? Dentro da cadeia eu falei, nunca mais eu uso! Não queria aquela vida para mim. Dia três foi minha audiência, três horas da tarde! Não foi ninguém... ninguém da minha família, nem o advogado foi. Quando eu cheguei lá na cadeia eu já cheguei chorando, falei assim para Deus “Se eu não sair hoje não sei se quero mais chance não” porque tô falando que vou mudar e ninguém me dá uma força, ele não quer me ajudar né? Daí 10 horas da noite meu alvará cantou! Eu já tinha feito o propósito com Deus, já fiz tudo nessa vida, o que mais eu quero? Morrer? A última coisa vai ser a morte, eu creio que se eu voltar para o mundão de novo eu vou é morrer... nesse mundo a gente não tem ninguém, por mais que seja só usuário só tem inimigo, sempre tem um que faz covardia. Depois que eu saí, comecei a beber... droga não usei mais, comecei a beber e o cara me oferecendo... e colocando eu para vender de novo, daí eu pensei... não, não vou vender isso mais não! Porque minha liberdade... [pausa] droga nenhuma paga, ninguém compra minha liberdade hoje, daí eu encontrei com o pai delas em janeiro e nós estamos até hoje! Vai fazer dois anos que nós estamos juntos, janeiro que vem. Tive minhas duas bebezinhas, e eu não troco elas por nada no mundo! Por nada....

Pausa... Agora não sei o que era para lá, né? [JAD05]

**E:** Esse período que você teve presa como foi?

**J:** Nossa... foi muito ruim, eu vi pessoas sendo presa com 500/600 dolinha de crack e sair em menos de 1 mês. Eu fui presa injustamente, eles jogaram em mim para aproveitar que eu usava! Querendo que eu dava quem que era... o traficante e tudo, por eu não dá eles me jogaram 10 dolinha. [JAD06]

**E:** Eles quem?

**J:** As polícias! Não colocaram eu como usuária, me colocaram como traficante, só que eu não era né? Eu era um vapor. Vendia para sustentar meu vício. Fiquei 6 meses, por conta de injustiça deles. Fiquei, junto com a Márcia, já conhecia ela lá do bairro que eu morava, né? Mas daí foi onde eu encontrei ela. Quando eu entrei já fiquei com medo! Porque o trem lá não não é muito bom não, fiquei com medo! Com muito medo... Daí fiquei 6 meses, mas foi tranquilo, sabe? Ninguém bateu em ninguém, mas vi muita gente apanhar... [JAD07]

**E: Você viu muita coisa lá dentro?**

**J:** Viu! Uma vez chegaram umas meninas presas lá, Não sei você lembra, teve um que foi preso junto com um punhado de gente, na hora que aquelas meninas chegaram dentro do presídio, elas jogaram lixo nelas, jogaram a comida delas tudo no chão, porque ganha a sacolinha né? Toda semana você ganha a sacolinha quando entra lá... a família deposita, jogavam a comida delas tudo no chão, bateu nelas as agentes!

*E a gente não podia falar nada né? [JAD08]*

**E: Você acha que pelo fato de ser negra, você teve tratamento diferente dentro da prisão?**

**J:** Não... assim foi a primeira vez que eu fui, né? Eu não senti preconceito lá dentro não, até porque tinha pessoas mais escura que eu, tinha uma que estava na cela 8 que chama seguro! Ela sim tinha muito preconceito, povo chamava ela de frango, porque ela era gorda pequenininha e pretinha... mas lá tinha uma, esqueci o nome dela, eu acho que ela era tratada melhor que a gente. [JAD09]

**E: Porque você acha que era melhor?**

**J:** Ah ela ficava no seguro, só ela sozinha, ela dava as crises dela de doidura ninguém fazia nada, deixava ela até sozinha enquanto as celas estavam tudo cheia. Igual aquela mulher, que esquartejou a menininha, não foi? Que teve a audiência ela foi até de cadeira de rodas, aquilo lá e eles que fizeram aquilo para sair... lá dentro ela fez programas com agentes, eles não deixaram ela no convívio porque as presas iam pegar ela, mas ela tinha dinheiro, levaram ela lá para farmácia e lá ela fazia de tudo, até programa. Mas preconceito lá eu não sofri não... Quando eu era pequena filhos da minha ex madrasta falavam que eu era preta, falavam do meu cabelo porque eles eram mais claros, eu acho que hoje a gente se defende, porque ninguém é melhor que ninguém, e o que eu vou ensinar para elas, meu marido e negro também elas têm a tendência em ser mais escura, e eu vou ensinar a elas se defender, quem julga e só Deus! Poucas coisas boas aconteceram na minha vida, mas quero que seja diferente para elas. [JAD10]

**E: Claro! Com certeza, Jade, tem alguma coisa que você gostaria de falar que eu não tenha te perguntado?**

*J: Não, mas sabe eu não julgo eu ter ido presa, para mim hoje foi eu vejo que foi uma solução que Deus achou e me colocou naquele lugar para eu sair da vida que tinha. Sai dessa e para eu não morrer, vi muita gente que na hora dessas tá embaixo da terra, eu tô aqui. Só isso mesmo.*

*[JAD11]*

*E: Ok! Obrigada Jade.*

*Fim da gravação.*

## Análise individual

Jade nós conta que, com nove meses, sua mãe a entregou para o pai, que a partir passa a ser cuidada pela avó, quando a entrevistada tinha nove anos a avó falece: “*Com nove meses minha mãe me entregou para meu pai, fui criada com minha avó, Quando eu tinha nove anos minha avó morreu,*” neste momento, segundo Jade: “*Eu fiquei solta, fiquei solta no mundo*” ao contar ter ficado “*solta no mundo*”, Jade nos mostra que ela que ela, naquele momento, não está ligada a outras pessoas.

O mundo das drogas surge na fala de Jade como um organizador de um possível desamparo, um marcador para sua trajetória, o fato de ela ter conhecimento sobre o assunto não evitou que ela vivesse a situação de vulnerabilidade e nem mesmo de transgredir não só a norma social, como também correr riscos que violariam a própria vida, “Mas eu não sabia as consequências.... *Que foi... Eu ir presa, levar tiro, facada.*” [Jade]

A adolescência inteira ela parece ter feito experiências muito fortes, teve um filho, teve complicações na gravidez e foi morar na rua, tudo associado ao uso de drogas, ausência da mãe de ter influenciado,

*“12, 14 anos, foi minha adolescência inteirinha! Ai... com 16 anos eu levei o tiro, aí com 15 anos eu tive meu primeiro filho, dei começo de eclampsia, daí eu nem sabia de nada, porque eu não ficava com minha mãe, né?”* [Jade]

Jade parece querer justificar a razão de deixar o primeiro filho com a cunhada para ir em busca do namorado ao afirmar que na rua a criança ficaria sujeita a chuva e sofrimento.

Entretanto, após ter alta do hospital, a forma como narra os fatos indica que ela talvez não tenha se visto como responsável pelo filho, voltando para a rua. Tal situação parece-nos semelhante à vivida por sua mãe, que a entregou, aos nove meses, para o pai. E foi este, segundo ela nos conta quem “*Pegou meu filho de volta*”, sugerindo que ela desde o princípio não considerava como sua responsabilidade, ‘devolvendo’ ao pai, o que não era dela.

Ela relata também, sem muitos detalhes, que, com 16 anos após o tiro ela passou por uma clínica de recuperação, voltou a morar na rua, até que foi presa, pela primeira vez. “Fui presa! lá

praça do centro vendendo droga, fumando e tudo... Fiquei seis meses lá, e nesses seis meses eu falei que não ia mexer! Não ia, não ia ...”

A experiência do cárcere parece ter despertado nela algum desejo de parar com as drogas, como visto acima.

Em alguns momentos fica claro que se vê abandonada e recorre às forças espirituais em busca de uma nova possibilidade para sua vida.

“Quando eu cheguei lá na cadeia eu já cheguei chorando, falei assim para Deus “Se eu não sair hoje não sei se quero mais chance não”

“Eu já tinha feito o propósito com Deus, já fiz tudo nessa vida, o que mais eu quero?”

Ao ser questionada sobre sua vivência dentro da prisão, ela se coloca como alguém solitária, “Nesse mundo a gente não tem ninguém”; acreditando injusto o fato de ter sido presa, já que era usuária, apenas, o que não caracterizaria crime. Ressalta a existência de pessoas que são presas com grandes quantidades e que, no entanto, não permanecem presas por muito tempo.

Ao usar o termo “eles” ela define claramente quem é e porque se considera vítima da Polícia. “Eu fui presa injustamente, eles jogaram em mim para aproveitar que eu usava, a polícia!”

Ela apresenta ideias opostas para descrever o que sentia antes e no momento de ser detida: “medo” e durante sua permanência na prisão fala em tranquilidade. “Quando eu entrei já fiquei com medo! Porque o trem lá não, não é muito bom não, fiquei com medo! Com muito medo...”

Conta que ficou 6 meses presa e que apesar do medo inicial foi tranquilo, “Mas foi tranquilo, sabe? Ninguém bateu em ninguém, mas vi muita gente apanhar...” deixando entendido que existem dois grupos dentro do presídio, os que batem e os apanham, “Ninguém” refere-se às companheiras de cela qual ela tinha medo, que apanharam de uma terceira pessoa. “Uma vez chegaram umas meninas presas lá, jogaram a comida delas tudo no chão, bateu nelas as agentes!”

“E a gente não podia falar nada, né?”

À pergunta que fizemos a ela sobre o tema, Jade acredita que o preconceito é expressado através de xingamentos e apelidos “Na cela 8 que chama seguro! Ela sim tinha muito preconceito, povo chamava ela de frango, porque ela era gorda pequenininha e pretinha...” E não se considera

como uma vítima, mas acredita que a situação financeira de um detento pode influenciar na forma que vão tratá-lo.

“Mas lá tinha uma, esqueci o nome dela, eu acho que ela era tratada melhor que a gente, eles não deixaram ela no convívio porque as presas iam pegar ela, mas ela tinha dinheiro”

“Eu não senti preconceito lá dentro não, até porque tinha pessoas mais escura que eu” Jade, vê na genética do marido a possibilidade de suas filhas sofrerem preconceito racial, pois quanto mais “escura” mais preconceito sofre. “Ninguém é melhor que ninguém, e o que eu vou ensinar para elas, meu marido e negro também elas têm a tendência em ser mais escura, e eu vou ensinar a elas se defender, quem julga e só Deus!”

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

## MODELO

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “DO QUE ESTAMOS FALANDO? Preconceito Racial, Práticas Cotidianas, Subjetividade”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Profa. Dra. Lígia Ferreira Galvão e discentes Camila Braga do Carmo, Luiz Otávio do Prado, Milena Maria de Freitas e Tainá Aparecida Araújo Ricardo, todos vinculados ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Nesta pesquisa, nós estamos buscando conhecer mais a respeito das experiências de pessoas que vivem ou já viveram situações de preconceito racial e o que elas têm a dizer sobre isso. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE será obtido pelo (a) pesquisador (a) ....., quando vocês se encontrarem pessoalmente, em local e data previamente acertados, ou nas dependências do Instituto de Psicologia – UFU, o que terá sido combinado previamente e antes de se dar início à entrevista. Você tem o direito de: a) desistir a qualquer momento de participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo; b) ter sua privacidade respeitada; c) ter garantida a confidencialidade de suas informações pessoais; d) ser indenizado por qualquer dano decorrente da pesquisa, nos termos da Lei, e e) ter o ressarcimento das despesas decorrentes de sua participação na pesquisa. Na sua participação, você será submetido (a) a uma entrevista constituída por um roteiro simples, com um tema proposto de modo a permitir que você fale livremente sobre suas experiências pessoais em relação ao preconceito racial e com perguntas que serão feitas, se necessário, apenas para esclarecer ou detalhar melhor algum ponto que tenha sido trazido por você. A entrevista poderá durar entre meia hora e uma hora e meia e será realizada em local seguro e reservado. A entrevista será gravada e, após sua transcrição, todo o material será desgravado. Em nenhum momento você será identificado. O material recolhido será analisado, usando-se de metodologia específica (análise institucional do discurso). Os resultados da pesquisa poderão ser publicados, mas mesmo assim a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa.

Os riscos previstos podem ser: 1) o de ocorrerem comentários, seus ou do (a) entrevistador (a), ao longo da entrevista, que permitam que você seja identificado e 2) o de ocorrerem situações, durante a entrevista, em que você se sinta desconfortável e/ou constrangido(a) e/ou emocionalmente abalado(a). Para que isso não ocorra, no primeiro caso, todos os nomes, citações de lugares, instituições, repartições, localidades, etc..., serão substituídos por nomes fictícios, já no momento da transcrição da entrevista. No segundo caso, para que os efeitos de tal situação, se ocorrer, sejam minimizados e embora os pesquisadores já estejam devidamente treinados para lidar com essas ocorrências e tomar as providências necessárias, também orientamos você a comunicar, imediatamente, a quem estiver lhe entrevistando, qualquer desconforto que sinta, para que se avalie a necessidade de interrupção ou cancelamento da entrevista. Além disso, no caso de você se sentir emocionalmente/psicologicamente abalado (a) durante a entrevista, ou em decorrência dela, você poderá contar com o apoio psicológico ofertado por profissional para o qual será encaminhado(a) pela pesquisadora responsável por esta pesquisa. Os benefícios de você participar dessa pesquisa são de que você estará contribuindo para a ampliação do conhecimento das formas de manifestação do preconceito racial nas práticas cotidianas e o impacto psicológico que isso pode, eventualmente, causar na vida das pessoas. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou pressão de alguém para que você continue a participar. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados, devendo o pesquisador responsável devolver-lhe o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que você assinou. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Profa. Dra. Lígia Ferreira Galvão, pelos telefones: (34) 3225-8532, UFU – Campus Umuarama - Av. Maranhão, 1621 – Bloco 2C, sala 43) ou com a pessoa que lhe entrevistou: .....(nome e dados de contato do/a discente que realizará a entrevista). Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente, criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, ...de...., de 20....

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(s) pesquisador(es)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa

Rubricas: